

O protagonismo de Denise Tavares revelado na documentação de arquivo e nas vozes do público leitor da biblioteca infantil Monteiro Lobato

Joseania Miranda Freitas

Como citar: FREITAS, Joseania Miranda. O protagonismo de Denise Tavares revelado na documentação de arquivo e nas vozes do público leitor da biblioteca infantil Monteiro Lobato. *In:* BORTOLIN, Sueli; SANTOS, Raquel do Rosário; SOUSA, Ana Cláudia Medeiros de (org.). **Biblioteca infantil:** território de infâncias. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2024. p.83-122. DOI: <https://doi.org/10.36311/2024.978-65-5954-458-5.p83-122>



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-No comercial-Sin derivados 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

CAPÍTULO 4

O PROTAGONISMO DE DENISE TAVARES REVELADO NA DOCUMENTAÇÃO DE ARQUIVO E NAS VOZES DO PÚBLICO LEITOR DA BIBLIOTECA INFANTIL MONTEIRO LOBATO

Joseania Miranda Freitas

1 INTRODUÇÃO

Em 4 de outubro de 2001 apresentei publicamente a tese *A história da Biblioteca Infantil Monteiro Lobato: entrelaçamento de personagens e instituição*, conduzida sob a competente, afetuosa e paciente orientação do saudoso Professor Doutor Luís Henrique Dias Tavares, no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal da Bahia (PPGE-FACED-UFBA). Em 2008, em parceria com a professora Esmeralda Maria de Aragão, publicamos o livro *Denise Tavares: traços biográficos* (Aragão & Freitas, 2008), no qual destacamos “Os conceitos de infância defendidos pela educadora Denise Tavares”. O texto ora apresentado traz, portanto, grande parte daqueles registros, mas está entremeado e voltado especificamente para a temática deste E-book: *Documentação, as vozes do público leitor e o protagonismo de Denise Tavares*.

Figura 1: Professora Denise Tavares: criadora e gestora da BIML (1950-1974)



Fonte: Arquivo BIML (2024).

Nascida em 4 de maio de 1925, na cidade de Nazaré, no Estado da Bahia, Denise Fernandes de Jesus passou a se chamar Denise Fernandes Tavares ao se casar, em 1946, com o médico Arivaldo Tavares. Denise teve acesso aos livros desde cedo, sendo a sua infância marcada pela leitura: lia não só os livros que ganhava, mas utilizava a “Livraria Lourival”, única da cidade, como biblioteca. A leitura de toda a obra infantil de Monteiro Lobato despertou nessa educadora o desejo de fazer uma *Casa de Livros*, na qual as crianças poderiam desfrutar do prazer e alegria proporcionados pela literatura e mergulhar ainda mais no imaginário mágico do mundo da fantasia, experimentando aventuras literárias.

Foi estudante dedicada e comprometida com o seu contexto social. Quando ainda cursava o 2º ano do Curso Normal já se preocupava com as formas de contratação e transferências de

professores no interior, chamando a atenção das autoridades para a situação das escolas, como se pode verificar no trecho a seguir, retirado de um artigo que enviara ao Secretário Aristides Novis:

A liberdade é o fator básico da educação, a pedra fundamental da Escola Moderna, porém é impossível existir numa escola de péssimas condições. . . . A escola do interior, por isso, é um tabu apavorante! Já passamos, sem dúvida, do tempo de atualizar os colégios do interior, sujeitos, até aqui, ao desamparo do poder público (Tavares, 1943)¹.

O artigo em questão não se constituiu um gesto isolado, já nessa época tinha o costume de escrever para os secretários de Educação sobre assuntos importantes para a área, hábito que seria mantido durante toda a sua vida. Nos arquivos da BIML encontram-se várias cartas e ofícios às autoridades competentes, comentando leis, portarias, sugerindo mudanças quando estas não atendiam por completo aos objetivos que se propunham. Mais tarde, usando dessa mesma estratégia, defendeu também a classe de bibliotecários.

Denise Tavares, aos dezoito anos, ainda cursando o magistério na cidade de Nazaré, tinha por preocupação a educação social, pensava a escola como espaço de convivência entre os diversos, espaço democrático, como ilustra este texto escrito em 1943:

Os alunos de classes e meios diversos - ambientes desiguais que formam personalidades diferentes, terão entre si choques que o professor precisa evitar, inculcando o sentimento de igualdade. Com base democrata, o professor deve, nessa mistura de caracteres e posições, formar o espírito de coletividade, de união e fraternidade. Deve empregar toda a sua energia e arte no combate ao orgulho de classe e à humilhação do próximo e NUNCA excluir da

¹ Documento sem numeração de páginas.

sua escola os filhos dos operários, moradores de ruas pobres, no receio de que sejam transmitidos aos filhos dos ricos costumes defeituosos. O mestre deve juntar os ricos e humildes, educando-os para a vida, mostrando-lhes que tanto as classes operárias, industriais, comerciais, militares como a dos milionários têm os mesmos direitos, que não há distinção entre cidadãos por motivo de ordem pecuniária, mas somente a falta de caráter estabelece uma terrível barreira entre os homens de honra e os que não respeitam os ditames da moral. . . . O trabalho em comunidade desenvolverá o espírito de solidariedade escolar e da prática da vida social e coletiva (Tavares, 1943)².

Os arquivos da BIML, repletos de documentos institucionais e pessoais, revelam o pensamento da educadora, provocando o ecoar de sua voz - forte e atuante-, que jamais se cansou de lutar em defesa da educação de qualidade, principalmente para as crianças e adolescentes. Foi essa professora, formada no interior, que chegou à cidade do Salvador em 1944, aprovada em concurso para lecionar na Escola Marquês de Abrantes. Em 1946, transferiu-se para a Escola Joana Angélica, lecionando por quatro anos, sendo que os dois últimos foram dedicados à tarefa à qual mobilizaria toda a sua vida - a criação da Biblioteca Infantil Monteiro Lobato, inaugurada em 1950. O ideal vivido por Denise Tavares, no decorrer de três décadas à frente da BIML, foi a mobilização social. Como mulher destemida e vanguardista, mobilizou a sociedade com seus discursos e ações, num ato de paixão pela criança, paixão pelo exercício da leitura e pela obra infantil de Monteiro Lobato.

Com seu temperamento extremamente forte, Denise Tavares marcou a biblioteca com o seu modo de ser, de dirigir e de atender ao público. Sua história é parte integrante da história da participação da mulher na vida pública baiana. Pensando sempre além do seu tempo, ela deixou uma obra que permanece.

² Documento sem numeração de páginas.

Entretanto, mesmo se já bastante reconhecida, não se poderia dizer que a história oficial da educação baiana e brasileira a acolheram em toda a sua emblemática estatura. Em outubro de 1971 adoeceu, vindo a falecer em 19 de abril de 1974, em decorrência de um câncer de mama.

O ato de criar uma biblioteca infantil exigiu um projeto específico. Não se tratava de uma miniatura da biblioteca pública, ao contrário, necessitava de pessoal qualificado, acervo especializado e uma programação adequada a cada faixa etária de crianças e jovens. Um dos grandes entraves encontrados por Denise Tavares, na época da criação da BIML, foi a resistência das pessoas que não aceitavam a ideia de uma biblioteca infantil como um conjunto único, com seu espaço, mobiliário, acervo, programação e público específicos. A preocupação de Denise Tavares, ao projetar um espaço lúdico exclusivo para crianças, estava pautada na atenção à infância “mal instruída e abandonada”, que necessitava de um espaço educacional diferente do escolar, o qual deveria dispor de “[...] requisitos capazes de bem orientar a vida mental das crianças, afastando-as da agitação desencaminhadora das ruas para o convívio agradável e benfazejo dos livros que a atraem, orientam e ilustram” (Tavares, 1949a³).

Denise Tavares não se limitava a lutar por uma biblioteca infantil. Há, em sua obra, uma preocupação geral com a infância, no sentido de conquista e garantia dos seus direitos. Na sua visão, as crianças necessitavam de uma série de equipamentos básicos que não lhes eram assegurados. No seu texto *Crianças Esquecidas*, distribuído na “Semana da Criança” de 1954, salienta que a infância necessitava de equipamentos sociais, acrescidos da alegria, um elemento subjetivo, que poderia ser conquistado, devendo ser garantidos os seus direitos básicos de saúde e educação: “Postos de puericultura, creches, hospitais, escolas, bibliotecas, parques - alimentos, saúde, educação, alegria!” (Tavares, 1954⁴).

³ Documento sem numeração de páginas.

⁴ Documento sem numeração de páginas.

Não foi uma tarefa fácil para Denise Tavares criar a biblioteca; a sociedade não aceitava facilmente as inovações. O depoimento de sua amiga e colega, professora Esmeralda Maria de Aragão, aponta para o fato inovador que foi a criação de uma biblioteca infantil na Bahia, assim como a inserção das bibliotecas no universo educacional, como agências formadoras de cidadãos:

Então é um fato que é preciso registrar para mostrar o idealismo de Denise, e o acompanhamento da evolução cultural da época com relação às bibliotecas. As bibliotecas de outros Estados tiveram muito mais progresso do que nós. Só a partir de Denise e Anísio Teixeira é que, realmente, elas passaram a se constituir em elementos de educação, de formação do cidadão (Freitas, 2001, pp.73)⁵.

As dificuldades para a implantação do projeto de Denise Tavares residiam, sobretudo, no fato de que este apresentava aspectos que não estavam em pauta na época, como a participação cidadã de crianças, através da promoção de atividades artísticas e culturais, transformando a biblioteca infantil em um espaço de aprendizagem. O leitor Manoel Castro comenta sobre a inovação desse projeto, analisando-o a partir da sua recordação infantil:

[...] quando vejo aspectos modernos de educação, os avanços que nós testemunhamos em todas as direções, a preocupação com a cidadania, o envolvimento da arte, da cultura com educação [...] Eu acho que Denise, além de tudo de positivo, da ideia da biblioteca, do trabalho feito, do carisma dela, do carinho, foi essencialmente uma pioneira, foi uma inovadora, porque ela usou aquilo que hoje torna-se comum, mas naquela época, com certeza era novidade, era romper com determinados dogmas, eu me lembro que todos nós adorávamos. Certamente, eu era muito criança pra entender isso, mas hoje,

⁵ Todos os depoimentos, mesmo com menos de três linhas, estão destacados em itálico.

quando vejo a dificuldade para inovar, a resistência às mudanças, eu imagino, as dificuldades que algumas pessoas, entre elas, Denise, devem ter tido com o status quo da época, por serem tão inovadoras (Freitas, 2001, pp.74).

2 RELATOS DE UMA TESE: A DOCUMENTAÇÃO SOBRE A BIML E SUA CRIADORA

A tese, anteriormente citada, foi construída tendo por base uma pesquisa histórico-documental no campo da História da Educação, apresentando a versão da autora para a história da Biblioteca Infantil Monteiro Lobato (BIML) como resultante do entrelaçamento de personagens e instituição. Nas diversas fases da sua elaboração, partiu-se do conceito de documento como sendo o conjunto de referências à vida cotidiana da instituição e de seus personagens, com o objetivo de compreender o seu projeto educacional. A BIML surgiu por iniciativa pioneira da professora Denise Fernandes Tavares, que em seu vanguardismo defendia os direitos da infância, numa época em que não se falava de crianças e adolescentes como sujeitos de direitos.

A pesquisa enredou histórias individuais e institucionais, partindo das memórias institucionais (registradas na farta documentação de arquivo) e individuais (público leitor, círculo de amizade, funcionárias(os) e parentes), como fios condutores para desvelar questões, interpretar e analisar fatos aparentes e/ou submersos nas subjetividades que compunham a trajetória histórica da instituição e de seus personagens. Memórias que revelaram o protagonismo de Denise Tavares frente à criação e gestão da primeira biblioteca infantil da Bahia (segunda do Brasil), de 1950 a 1974.

A pesquisa visou compreender a dimensão do projeto cultural de Denise Tavares para a criação de uma biblioteca infantil na Bahia dos anos 1950 e o seu desdobramento na sua gestão, de 1950 a 1974. Nessa perspectiva, procedeu-se a uma investigação

sistemática das fontes documentais convencionais da instituição, desenvolvendo-se um diálogo com a bibliografia técnico-científica, que se constituiu em referencial para a coleta de informações nas fontes de história oral.

O mais impactante no primeiro contato com os documentos foi encontrar um texto escrito por Denise Tavares, contendo ainda correções e acréscimos feitos à mão: *Vinte anos da BIML*. Nesse documento estão narrados fatos já conhecidos, assim como encontra-se a elucidação de outros acontecimentos importantes da BIML. Em geral, para cada fato narrado no texto, há referências a artigos de jornais ou do *Diário Oficial da Bahia*, atestando o acontecido. Ela começou a escrever esse documento ao tomar conhecimento da gravidade do seu estado de saúde, pois desejava que a história da BIML ficasse registrada de sua perspectiva de fundadora.

O documento tem quarenta e três páginas, incluindo capa, página de rosto, dedicatória e nota introdutória. É composto de quatro partes, além da introdução e observação final. Percebe-se, em todo o documento, uma tensão constante: Denise Tavares empenha-se, todo o tempo, em comprovar os fatos descritos, assim como salienta a importância da participação das pessoas que lhes são queridas, citando-as: amigos, funcionários e, principalmente, leitores. Polida, não nomina as pessoas que não contribuíram com a BIML ou tentaram destruí-la, mas faz várias referências às circunstâncias em que isso se dava. Registra todos os problemas enfrentados, ressaltando não se perdoar por ter gastado tempo resolvendo problemas, quando poderia estar produzindo mais em favor da biblioteca:

[...] acho imperdoável o tempo que perdi brigando, lutando com um bando de imbecis e cretinos, quando poderia estar mais realizando em favor da BIML e dos seus leitores. [...] Desejaríamos registrar apenas as coisas agradáveis, mas a história de uma vida é feita de aborrecimentos e decepções, também. Aqueles atingidos pela nossa crítica, esqueceram-se que a

verdade histórica é inflexível, impiedosa como o seu indiferentismo [...] (Tavares, 1973, pp.39).

O documento *Vinte anos da BIML* serviu de roteiro para a tese, que buscou aprofundar e esclarecer os assuntos nele tratados, transformando o seu plano original em um guia de pesquisa. O texto foi lido e relido muitas vezes, com o intuito de encontrar os “mecanismos da imaginação” para elaborar um novo texto a partir de um produzido em situação tão especial. Por isso, dialoga-se com as ponderações do historiador francês Georges Duby (1993, pp.53):

[...] ler novamente este texto, lê-lo e relê-lo na coerência de sua expressão e de seu sentido. Pois é durante essas leituras que entram em jogo mecanismos infinitamente mais fluidos que o mais mirabolante dos computadores. Entre eles os da imaginação, inevitável, indispensável feiticeira.

O documento traz à tona um passado que, ao ser analisado, faz-se presente de forma dinâmica. A preocupação em registrar os acontecimentos, fortemente marcada nos textos de Denise Tavares, evidencia que essa ação era pensada numa perspectiva de futuro. No tocante aos documentos, a dinâmica do passado, presente e futuro é extremamente rica, pois, o que hoje é passado, muitas vezes é também futuro e presente. A retirada de documentos guardados, extraídos do silêncio dos fichários, armários e gavetas dos arquivos da BIML, trouxe até o presente o futuro ali encerrado, expressando o desejo daquela que no passado os preservou.

Figura 2: Denise Tavares⁶



Fonte: Arquivo BIML (2024).

Os primeiros encontros com esse acervo criaram, inicialmente, expectativas de que seria possível abarcar toda a documentação. Como o arquivo não estava devidamente organizado, deduzi que, ao longo do trabalho, poderia associar o trabalho de pesquisa à prestação de um serviço à biblioteca, procedendo à catalogação de alguns documentos. Entretanto, isso revelou-se tarefa impossível para uma só pessoa, e envolvida em outras atribuições. E esse foi o primeiro desapontamento! Teve como resultado o empenho em cumprir as sugestões do orientador, que alertava para os objetivos traçados.

Efetivamente inserida na pesquisa documental, foi dada uma melhor organicidade ao que se desejava elaborar. Inicialmente,

⁶ Denise Tavares em sua sala de trabalho, tendo ao lado o arquivo institucional em metal, preservado pelas equipes da BIML.

optou-se por trabalhar os grandes livros de recortes de periódicos, encadernados na própria biblioteca, e que estão assim divididos: três exemplares sobre a BIML, um sobre Monteiro Lobato e um sobre os leitores da biblioteca. Em seguida, foi a vez do arquivo de documentos, preparado pela equipe de Denise Tavares, contendo uma série de pastas para cada tema considerado importante para a instituição: entrevistas, discursos, projetos, anteprojetos, planos, artigos sobre educação, Biblioteconomia, literatura infantil, infância e juventude, e do *Sistema de Bibliotecas Infanto-Juvenis*. O contato com esse material do arquivo levou a relacioná-lo à experiência de Georges Duby (1993), ao começar seu trabalho nos arquivos de Cluny:

Retirei um primeiro maço de documentos. Desamarrei-o, enfiando a mão por entre as peças de pergaminho. Tomando uma delas, desenrolei-a, e toda esta operação já implicava um certo prazer: não raro essas peles são de contato extraordinariamente suave. Soma-se a impressão de estar entrando num local reservado, secreto. Desamassadas, estendidas, essas folhas parecem exalar no silêncio o perfume de vidas há muito extintas. . . e o texto lá está, diante de nós, em todo o seu frescor (Duby, 1993, pp.27-28).

O compartilhar das experiências dos vários autores proporcionou uma aproximação com os diversos campos do saber, enriquecendo a pesquisa em história da educação. Depois do contato *tátil* com os documentos de arquivo, passou-se à fase de análise, o que foi feito à luz da teoria da pesquisa histórica, para a devida compreensão de como tecer os fios desse novelo. Optou-se por não realizar a análise do discurso ou a análise linguística, mas, a partir dos relatos das experiências, buscou-se descobrir o que singulariza a experiência de criação da BIML.

Devido ao grande número de documentos, procedeu-se à seleção indicada pelo plano de estudo, procurando-se descobrir os nexos entre os textos e os contextos. Dessa forma, foi feita a escolha e categorização das palavras mais frequentes ou aquelas

relacionadas ao universo temático, a partir das palavras-chave ou palavras-tema como, por exemplo: biblioteca, infância e juventude, literatura infantil, vida e obra de Monteiro Lobato. Visou-se, assim, realizar uma análise temática para descobrir em quais núcleos de sentido os discursos se organizavam, dando significado ao tema estudado, ou seja, o fato singular que foi a criação dessa biblioteca infantil, base para a construção do marco teórico da tese. A partir de então, investigou-se como esses documentos poderiam comunicar-se com o presente. Era necessário interrogá-los para, enfim, sugerir interpretações.

Como dito anteriormente, o texto histórico deixado por Denise Tavares constitui-se o documento básico para a análise dos demais documentos do arquivo. Por se tratar de uma instituição educativa, foi imprescindível o exame dos pensamentos e das ideias pedagógicas que inspiraram as suas ações educativas. Anísio Teixeira foi, incondicionalmente, o mestre de Denise Tavares, fonte para a compreensão da educação como um direito público,

[...] já não é um processo de especialização de alguns para certas funções na sociedade, mas a formação de cada um e de todos para a sua contribuição à sociedade [...] educação é um interesse público, a ser promovido pela lei (Teixeira, 1967, pp.48).

3 AS VOZES DO PÚBLICO LEITOR: CRIANÇAS DOS ANOS 1950, 1960 E 1970

As vozes desse especial conjunto – as crianças dos anos 1950, 1960 e 1970 – foram ouvidas e registradas por meio de entrevistas realizadas nas *Sessões Especiais de Hora do Conto*. As *Sessões* foram concebidas com o propósito de sensibilizar o público convidado, fazendo-os evocar suas recordações a partir do imaginário dos contos infantis. Utilizando o cenário lobatiano como uma forma de realizar exercícios de memória, caminhando pela trilha do afetivo, procurou-se estimulá-los com a presença dos personagens de Monteiro Lobato. Nesse sentido, as crianças dos

anos 1950 a 1974 puderam emergir, operando nos adultos daquele momento uma experiência de recordação de seu período infantil, graças ao ambiente que os aproximava do universo mágico, tão bem conhecido, das histórias lobatianas.

A varanda de dona Benta, cenário especialmente elaborado para a ocasião, confeccionado pelo funcionário Janari Silva, reuniu grupos de leitores e leitoras. As *Sessões* foram filmadas com o apoio da Diretoria de Bibliotecas Públicas (DIBIP) e da Diretoria de Imagem e Som (DIMAS) da Fundação Cultural do Estado. Foram realizadas quatro *Sessões*, em quatro sextas-feiras do mês de novembro de 1999, coincidindo com o número dos espaços físicos ocupados pela BIML e como uma maneira de recordar o dia da semana no qual a professora Betty Coelho começou a contar histórias na BIML.

Figura 3: Betty Coelho contando histórias⁷



Fonte: Freitas (2001).

⁷ Visão panorâmica de um momento de filmagem, com o público em primeiro plano e ao fundo o cenário da 1ª Sessão Especial de Hora do Conto.

Mesclando fantasia e experiência infantil, como forma de lembrar suas infâncias, esses adultos - outrora crianças da BIML - puderam fazer uma análise contemporânea de suas memórias a partir da ótica da recordação do que foi o seu mundo infantil. Nesse sentido, foi possível observar que, mais do que simples lembranças de situações vividas, as recordações da infância na BIML encontravam-se num nível muito profundo de comprometimento com a vida cotidiana de cada uma das crianças.

A tradição da arte de contar histórias, vivenciada pelas crianças que frequentaram a BIML, foi fundamental para a escolha da técnica de tomada dos depoimentos. Constituiu-se de uma adaptação da *Hora do Conto*, com o objetivo de incorporar novas narrativas à escrita da história da instituição, uma forma de comunicação entre o passado, o presente e o futuro. A utilização da narrativa como documento não invalida a opção metodológica da história-problema, ao contrário, a tomada de depoimentos, no formato de narrativas, incorporou novos questionamentos, gerando novas buscas às suas respostas. Segundo Edgar Salvadori de Decca (1998), a tendência do retorno da história à narrativa recupera o elo perdido da tradição dos relatos orais

[...] que tiveram e ainda tem grande significado para a manutenção das memórias coletivas. Narrar é uma maneira que nossa cultura encontrou de lidar com o tempo e o anunciado retorno da narrativa, talvez seja um sinal de uma reorientação das relações entre passado, presente e futuro. O retorno da narrativa acreditamos ser também uma postura política na procura dos direitos de cidadania, fundados na preservação e manutenção das identidades dos grupos sociais. É o retorno da memória e de sua capacidade de reatualização do passado, como que reivindicando o direito ao passado para uma sociedade que vive cada vez mais em função do presente (Decca, 1998, pp.24).

Assim, as *Sessões Especiais de Hora do Conto* causaram uma reviravolta no desenrolar da pesquisa, no sentido de que deixava de ser tão-somente o estudo de uma instituição, da sua estrutura funcional, em determinado contexto histórico, e passava a pretender construir uma história com base na memória que os adultos entrevistados tinham sobre a visão das crianças - que um dia haviam sido - como público leitor da biblioteca. As argumentações defendidas por Georges Duby (1993), relativas à importância das narrativas, foram basilares para a realização dessas sessões, como sinaliza o autor:

[...] dou atualmente mais atenção aos relatos, por mais fantasmagóricos que sejam, do que às anotações 'objetivas', descarnadas, que podemos encontrar nos arquivos. Essas narrativas ensinam-me mais - e para começar, sobre seus autores - através de suas tergiversações, do que têm dificuldade para dizer, do que não dizem, esquecem ou ocultam (Dyby, 1993, pp.100).

O trabalho de pesquisa histórica em educação não se limita somente à narração dos fatos como são encontrados ou descobertos, mas inclui questionamentos, interpretações e análises que são determinantes para o seu formato final, dando-lhe um caráter distinto do texto literário, como observa Clarice Nunes (2005, p.11):

[...] a narrativa histórica é a expressão de um caminho possuído, intimamente possuído pelo pesquisador. É um problema teórico. Não se confunde com a narrativa ficcional, pois exige um aparato documental, validação de conceitos, elaboração de hipóteses e explicitação de referências bibliográficas, o que não impede o estilo literário, o esforço de reunir rigor e imaginação [...].

Diante da riqueza dos depoimentos, repletos de subjetividades, é preciso, por parte de quem pesquisa, ter muita atenção para discernir e desvendar, nas diversas falas, o objetivo do

estudo. Esses cuidados são necessários para que as falas não se transformem em dificuldades no processo de conclusão da pesquisa. O trabalho de pesquisa baseado em informações orais toca o emocional das pessoas envolvidas, seja aquele que presta um depoimento ou quem conduz a entrevista, de forma muito aguçada. Nem sempre as informações concentram-se na fala, é preciso exercitar a sensibilidade de saber ouvir as várias linguagens: “[...] não só a voz, mas também as pausas, os gestos, o corpo, o brilho do olhar, os silêncios e as lágrimas [...]” (Almeida, 1998, pp.52-53).

Para a realização das entrevistas foi preparado um roteiro semiestruturado, contendo catorze páginas, previamente discutido, coletiva e individualmente, com as seis entrevistadoras. As personagens-entrevistadoras foram escolhidas de acordo com o interesse em estimular a recordação de alguma circunstância mais específica. Para o primeiro dia, quando o intento era abordar o período mais antigo (1950-1953), a primeira casa em que se instalou a biblioteca, elegeu-se dona Benta como a anfitriã. Seu jeito acolhedor poderia suscitar o ambiente lobatiano e levar os convidados a uma sintonia com a *varanda*. Tia Nastácia esteve presente em todas as *Sessões*, recepcionando os convidados.

Figura 4: Primeira casa da BIML (1950-1953)⁸



Fonte: Arquivo BIML (2024).

Figura 5: 1ª Sessão Especial de Hora do Conto⁹



Fonte: Freitas (2001).

⁸ Primeira casa da BIML - antigo depósito do material de jardinagem do Jardim de Nazaré (1950-1953).

⁹ Visão panorâmica da 1ª Sessão Especial de Hora do Conto, à esquerda a entrevistadora d. Benta, vivenciada por Maria Antônia Coutinho.

Para estimular a memória dos convidados do segundo dia, dedicado ao período da segunda casa (1954-1962), foi mais uma vez escolhida dona Benta, enquanto para a aproximação com as crianças do *Sítio do Picapau Amarelo* decidiu-se pela menina Narizinho.

Figura 6: Segunda Casa da BIML - prédio em substituição à casinha anterior, desativado por defeitos estruturais (1954-1962)



Fonte: Arquivo BIML (2024).

Figura 7: 2ª Sessão Especial de Hora do Conto¹⁰



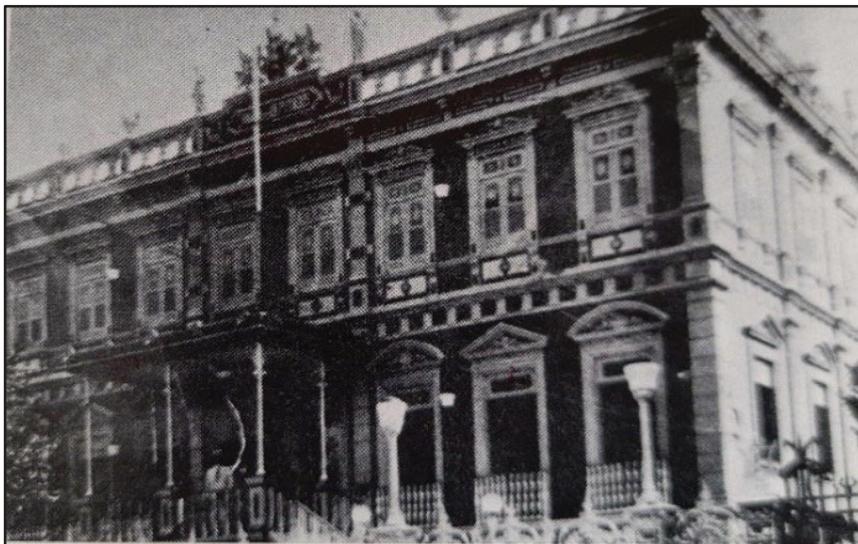
Fonte: Freitas (2001).

Para o terceiro dia, quando se tentaria rever os momentos vividos quando a BIML estava *sem teto*, abrigada no antigo prédio da Assembleia Legislativa, no Campo Grande (1962-1967) e, portanto, repletos de tensões, acreditou-se ser preciso deixar o ambiente mais tranquilo. Promoveu-se, assim, uma vivência ainda mais lúdica, como se no interior de histórias da *Carochinha*¹¹ ou de aventuras e caçadas, o que incidiu nas escolhas de tia Nastácia e Pedrinho.

¹⁰ Detalhe da 2ª Sessão Especial de Hora do Conto, ao centro a entrevistadora d. Benta, vivenciada por Maria do Carmo Araújo e Narizinho, vivenciada por Clelia Neri Côrtes.

¹¹ “‘Contos da Carochinha’, de Alberto Figueiredo Pimentel, aparecido em 1896, é que pode ser considerado o primeiro livro infantil publicado em português, no Brasil. Compõe-se de 61 contos populares de vários Países, entre eles alguns de Perrault, Grimm e Andersen” (Cavalheiro, 1956, pp.155).

Figura 8: 3ª casa da BIML¹²



Fonte: Arquivo BIML (2024).

Figura 9: 3ª Sessão Especial de Hora do Conto¹³



Fonte: Freitas (2001).

¹² 3ª casa da BIML, ocupação provisória do antigo prédio da Assembleia Legislativa no bairro do Campo Grande (1962-1967).

¹³ Detalhe da 3ª Sessão Especial de Hora do Conto, à esquerda a entrevistadora tia Nastácia, vivenciada por Aline Pinheiro e Pedrinho, vivenciado por Bernadethe Argolo.

Para o último dia, como encerramento, visando uma maior confraternização dos personagens e convidados, além da anfitriã, dona Benta, participou também a personagem mais falastrona do reino lobatiano, a boneca Emília. Esta, com sua irreverência, não deixaria que os convidados se entristecessem ao lembrar o falecimento de Denise Tavares. As duas estavam preparadas para manter o clima de alegria e de lembranças das atividades educativas realizadas sob a coordenação da fundadora, no último período em estudo, de 1967 a 1974.

Figura 10: 4ª. Casa definitiva da BIML, desde 1967



Fonte: Arquivo BIML (2024).

Figura 11: 4ª Sessão Especial de Hora do Conto¹⁴



Fonte: Freitas (2001).

A tarefa de entrevistar não foi muito fácil, uma vez que se tratava de públicos diferenciados em cada *sessão*, na sua maioria desconhecidos das entrevistadoras, por isso foi importante contar com a competência, alegria e vivacidade das entrevistadoras, profissionais habilidosas na arte de entrevistar, professoras e amigas da causa da BIML, que com encanto e dedicação interpretaram os personagens lobatianos. Para incorporar a sabedoria e paciência de dona Benta foi fundamental a participação de duas professoras da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), a escritora infantil e poeta Maria Antônia Ramos Coutinho e a professora e jornalista Maria do Carmo Araújo. A menina Narizinho foi vivida, com toda sua doçura e

¹⁴ Detalhe da 4ª Sessão Especial de Hora do Conto, à esquerda a entrevistadora d. Benta, vivenciada por Maria do Carmo Araújo e ao chão, a boneca Emília, vivenciada por Isadora Ribeiro.

curiosidade, por Clelia Neri Côrtes, indigenista, uma colega do doutorado. A delicadeza e esperteza de tia Nastácia foi incorporada por Maria Aline Neves Paixão Pinheiro, bibliotecária e ex-funcionária da BIML. Pedrinho, menino curioso e amante de aventuras, foi vivido pela bibliotecária Bernadethe Argôlo, que soube ilustrar com perfeição a vivacidade e inteligência do seu personagem, encantando o público presente. Na varanda de dona Benta não faltou o brilhantismo de Emília - a *torneirinha* esteve aberta, deixando fluir com graça sua irreverência e espírito de contestação, através da sagacidade da professora Isadora Browne Ribeiro, batalhadora incansável dos direitos de crianças e adolescentes.

A experiência de interpretar os personagens lobatianos nessa atividade representou momentos singulares para as profissionais participantes, que fizeram questão de deixá-los registrados em depoimentos no dia do encerramento das *Sessões*¹⁵:

Ser Emília é uma emoção especial, porque Monteiro Lobato foi uma das figuras mais importantes de toda a minha infância, me influenciou muito. [...] Depois, eu acho que, apesar de estar já na idade que estou, eu continuo sendo meio Emília mesmo, continuo sendo meio moleca (Depoimento da entrevistadora Isadora Ribeiro).

Foi uma emoção imensa poder voltar, mesmo que rapidamente, ao mundo infantil, ao imaginário encantado da obra de Monteiro Lobato (Depoimento da entrevistadora Maria do Carmo Araújo).

Foi uma experiência boa e eu pensei que, assim, pudesse colaborar e, na medida do possível, colaborei; não só com a minha participação como Pedrinho, mas também como ouvinte das outras reuniões. Foram depoimentos riquíssimos, depoimentos maravilhosos, momentos assim de muita emoção, que eu percebi

¹⁵ Os depoimentos foram extraídos da pesquisa de Freitas (2001), autora desse capítulo.

aqui, de funcionárias antigas, que já estão aposentadas (Depoimento da entrevistadora Bernadethe Cardoso) (Freitas, 2001)¹⁶.

A BIML recebeu os mais diversos tipos de mensagem - telefonema, carta, fax e correio-eletrônico - confirmando presença ou justificando ausência, agradecendo a recepção da carta-convite. Muitas pessoas comprometeram-se a participar da atividade, oferecendo novos nomes para contato. O “correio afetivo” teve grande participação: quando alguém recebia a carta-convite, avisava imediatamente a uma terceira pessoa, que logo contatava a biblioteca, interessada em participar. Um fato interessante ilustra essa situação: tentou-se localizar os participantes do *VI Congresso Infanto-Juvenil de Escritores* (1952). Nas listagens dos arquivos aparecia sempre o nome Carlos Ney, mas, sem outras referências, a tarefa de encontrá-lo tornava-se difícil. Ao contatar outro leitor, Paulo Mendes Aguiar, à época professor da UNEB, este informou que ao receber a sua carta-convite a mostrara para os colegas de Departamento. Um deles, muito curioso e emocionado, lhe pediu: “— por favor, ligue para o pessoal da biblioteca, dê meu telefone, porque eu também quero receber uma carta dessa”. Foi uma surpresa telefonar para o citado professor e constatar que se tratava do Carlos Ney que tanto se procurava.

O processo de aprendizagem e memória vivenciado nas Sessões realizadas na varanda de dona Benta foi também uma oportunidade para funcionárias(os), amigas(os) e público leitor trocarem informações sobre a instituição, podendo conhecê-la melhor, e formar laços mais afetivos. Esses depoimentos, filmados em fitas VHS, devidamente editados, foram entregues à instituição juntamente com a cópia das transcrições, como documentos para o seu acervo, na expectativa de que também possam se constituir em mais uma fonte de aprendizagem. O processo dialógico utilizado possibilitou que se estabelecesse um canal de comunicação entre aquelas pessoas que participaram da trajetória histórica da BIML.

¹⁶ Documento sem numeração de páginas.

Afirma Ruth Cardoso, a propósito desse processo, que todas as partes envolvidas: “[...] aprendem, se aborrecem, se divertem e o discurso é moldado por tudo isso” (Cardoso, 1986, parte II, pp.102).

As *Sessões Especiais de Hora do Conto* podem ser compreendidas como um processo de mobilização dos participantes para uma ação específica desta pesquisa, no sentido de reunir as pessoas que vivenciaram a criação da biblioteca. A sua realização representou uma oportunidade de concretizar o desejo, já expresso por muitas das antigas funcionárias e funcionários, de colaborar com a escrita da história da instituição. Esses depoimentos, garimpados nas memórias e lembranças, constituem-se na imagem do diamante bruto a ser lapidado pela reflexão, como exemplifica Ecléa Bosi (1987, pp.39):

Uma lembrança é um diamante bruto que precisa ser lapidado pelo espírito. Sem o trabalho da reflexão e da localização, seria uma imagem fugidia. O sentimento também precisa acompanhá-la para que ela não seja uma repetição do estado antigo, mas uma reaparição.

Após a realização de cada sessão, várias foram as pessoas que procuraram a biblioteca, colocando-se à disposição para colaborar com o processo de estudo de sua história. Outros, tomados pela forte emoção no dia da entrevista, não conseguiram se expressar ou omitiram fatos que consideravam importantes, retornando posteriormente para acrescentar algo mais a seus relatos. Esse foi o caso da funcionária Pudu que, muito atenciosamente, numa constante preocupação com a história da BIML, compareceu algumas vezes à biblioteca oferecendo informações, escrevendo duas cartas, compondo um hino e adaptando uma peça teatral, comemorativa dos 20 anos da instituição, para o cinquentenário da BIML.

Figura 12: 4ª Sessão Especial de Hora do Conto¹⁷



Fonte: Freitas (2001).

Durante a realização das *Sessões Especiais de Hora do Conto*, foi possível observar o que significou ser criança para o seu então público leitor. Os depoimentos evidenciavam que ter frequentado a BIML tinha-lhes proporcionado referências muito concretas para as suas vidas de adultos. Mesmo longe do cenário das *Sessões*, através de cartas, correio eletrônico e fax enviados por alguns leitores que não puderam estar presentes, observou-se o quanto as experiências foram importantes, a exemplo do percebido no depoimento de João Jorge Rodrigues (diretor do Bloco Afro Olodum), menino do bairro Maciel-Pelourinho nos anos 1970:

Na Biblioteca Infantil Monteiro Lobato pude encontrar um mundo de sonho e imaginação que ainda hoje me ajuda a

¹⁷ Detalhe, ao centro a funcionária Pudu, presente nas 4 Sessões Especiais de Hora do Conto.

fazer enredos de carnaval e produzir a nova cultura afro da Bahia. Sempre fui muito interessado por História e por Geografia; a BIML me permitia viajar, sem sair de Nazaré, e me deu uma pista clara de como deveria sempre gostar do conteúdo dos livros. Fiquei amigo dos livros e os busquei pelos vários países que andei, deixando muita gente surpresa, porque investia em livros recursos que podiam ir para qualquer outra coisa. Uma Biblioteca é mais que uma central de livros, é um mundo compilado para gerações encontrarem o caminho, a luz e a saída. Através da minha primeira grande biblioteca, a carinhosa Biblioteca Monteiro Lobato, eu dei os primeiros passos em direção à luz, através do saber (Depoimento de enviado por e-mail, 1999).

Outra leitora, Cyva Sá Leite, enviou um fax à BIML dirigido à boneca Emília. Observe-se que não se tratou, simplesmente, de uma referência à boneca, mas de um endereçamento a esta, à qual a leitora se dirigiu todo o tempo, demonstrando que a magia dos contos permanecia em seu imaginário, mesmo adulta:

Você talvez estranhe minha carta, Emília, pois bem sabe que cresci e, de certo modo, perdi um pouco o contato com você e todo o pessoal do Reino da Fantasia. Mas, acredite, minha amiguinha, não virei gente grande. Do fundo do coração, continuo aquela menina de tranças que tanto se divertia no Sítio, com vocês, e que tanto aprendeu com D. Benta, Tia Nastácia [...] (Depoimento via fax, 1999).

A permanência dessas experiências, não somente como uma lembrança, mas como algo vívido, na intensidade com que foram relatadas demonstra que o projeto de biblioteca infantil concebido por Denise Tavares possuía bases sólidas, a criança era mesmo o seu centro. Não se tratava somente de um discurso sobre a infância, mas do exercício, da prática de ações que proporcionaram essa permanência, hoje atestada pelos leitores adultos, das suas vivências de crianças, como salientou o leitor Jaime Sodré (professor da UNEB):

Eu queria contar mais a minha experiência pessoal e a influência que a biblioteca teve na minha formação, que perdura até hoje, alguns comportamentos adquiridos na biblioteca eu trago até hoje (Freitas, 2001, pp.69).

Através das *Sessões Especiais de Hora do Conto*, as crianças da BIML tiveram a oportunidade de se reencontrar e de analisar conjuntamente as experiências vivenciadas naquele espaço. Ao recuperar essas falas e organizá-las, foi possível reunir dados que comprovam a importância da experiência inovadora de Denise Tavares, no sentido do reconhecimento da criança como sujeito de direito, numa visão avançada para a sua época, antecipando-se a teses só enunciadas bem mais tarde.

O depoimento do leitor Jaime Sodré, exemplifica, claramente, os argumentos de Denise Tavares:

[...] por ser de família pobre, naquele tempo já enfrentando algumas questões de uma sociedade um pouco preconceituosa, que não permitia que a gente entrasse em determinados lugares, particularmente por ser negro, inclusive. Eu observava que pra ela não tinha essa questão. Ela sempre me recebia aqui, [...] Não era só emprestar o livro, era formar a gente (Freitas, 2001, pp.72).

Figura 13: Entrevista com leitor Jaime Sodré¹⁸



Fonte: Freitas (2001).

A perspectiva do “formar a gente”, expressa nesse depoimento, oferece um exemplo claro de que o trabalho desenvolvido pela BIML fazia parte de um projeto educacional que a diferenciava, ao mesmo tempo em que a tornava alvo de críticas por parte daqueles que esperavam que uma biblioteca se limitasse a “emprestar o livro”, como bem salientou o leitor. Sobre isso, Denise Tavares escreveu um trabalho acadêmico, em 1957, quando ainda era aluna do curso de Biblioteconomia:

Não apenas dar livros, mas dar livros com amor e dedicação, procurando participar da vida do leitor, influenciando na formação da sua personalidade também.

¹⁸ Detalhe, o leitor Jaime Sodré no momento do relato acima, no centro, de camisa branca, entrevistado por d. Benta, vivenciada por Maria do Carmo Araújo. Ainda nesta foto, a partir da esquerda: entrevistadora Narizinho, vivenciada por Clelia Neri Côrtes, o leitor Silvoney Sales e a prof^a Betty Coelho.

Cada vez, sentindo-se mais necessidade de ampliar suas atividades num chamamento ao menino, num atendimento aos seus desejos e aspirações [...] (Tavares, 1957)¹⁹.

A base do projeto educacional de Denise Tavares era a promoção de encontros entre crianças de diferentes meios sociais. Baseada em ideais universais, ela planejou a biblioteca como espaço democrático, como lugar de encontros, lugar de livre expressão, no qual as crianças queriam sempre estar presentes, desfrutando de atividades prazerosas.

O respeito ao ser infantil, demonstrado em toda a obra de Denise Tavares, a referência como importante educadora, preocupada com o seu contexto social, incorporando novos valores e conceitos à educação de crianças de forma integral, não se restringindo a uma repetição das atividades escolares, como salientam vozes de seu público leitor:

Foi aqui também que eu aprendi a exercer a profissão que tenho hoje, que é a profissão de designer, aqui que eu aprendi a desenhar, participei, inclusive, de um concurso aqui (Depoimento do leitor Jaime Sodré, 1999).

Era uma casa, já naquela época, que já despertava esta tendência que existe hoje nas bibliotecas e até nas livrarias, de se tornar uma casa multifacetada de cultura. Eu acho que essas coisas aqui começaram na Biblioteca Infantil Monteiro Lobato, dada essa liberdade que era dada às pessoas de externarem as suas tendências, preferências sem pressão e sem muitas rédeas (Depoimento do leitor Leomiro Barros, 1999).

Ela fez a isca, ela colocou a isca no mar e nós peixinhos fomos na isca. Eu estudava aqui no Severino Vieira e nós tínhamos aulas vagas, de uma hora, e uma hora que não tinha o que fazer e ia bater papo no primeiro banco do jardim e aí descobrimos a biblioteca e vínhamos passar as aulas vagas

¹⁹ Documento sem numeração de páginas.

aqui [...] Aqui havia liberdade, esse depoimento eu dou.
(Depoimento do leitor Adinoel Mota Maia, 1999).

[...] quem teve a Biblioteca como ponto de encontro na adolescência e conviveu com o pessoalzinho do Sítio, leva no coração, para sempre, a criança que foi, e consegue manter a fé e a esperança, mesmo que a alegria se afaste [...]
(Depoimento da leitora Cyva Leite, via fax, 1999).

A história da BIML tem como protagonistas suas crianças, não somente por representarem o seu público especial, mas por sua inserção nessa história como sujeitos participantes. Os caminhos trilhados pela instituição foram marcados pela busca da compreensão do mundo infantojuvenil, através do referencial de cidadania, promovendo atividades culturais que não restringiam o conceito de cultura à produção artística e à realização de eventos.

Denise Tavares defendia a existência das bibliotecas infantis como um importante espaço para a discussão, promoção, exercício e defesa dos direitos da infância e da juventude. Em um país, no qual a única instituição educacional para crianças era a escola, a Biblioteca Pública Infantil, como um projeto cultural mais amplo, constituía-se também em um novo paradigma, no sentido de ser um centro fomentador de novas ideias e dinamismo no serviço educacional, promovendo a participação social das crianças, como defendia Denise Tavares:

Bibliotecas não são vitrines, bonitas e bem instaladas, estagnadas: são órgãos dinâmicos e atuantes que tenham renovação e atendam seu público como ele precisa [...] Bibliotecas precisam ser feitas. Devem ser feitas. Mas, é preciso que sejam bem-feitas e que existam como serviços educacionais para benefício do povo (Tavares, 1949b)²⁰.

Com a ideia de biblioteca infantil trazia-se uma nova mensagem, um novo discurso e outra prática educativa, expressos

²⁰ Documento sem numeração de páginas.

em novas formas de educar para a vida cotidiana. Pensava-se em um lugar para o lazer, onde se aprenderia brincando, com prazer. Ler seria uma festa. E assim foi: quando, afinal, se concretizou o ambiente era de fantasia, de sonhos, em que as crianças iam dando asas à imaginação, o que fazia com que sempre quisessem ficar mais tempo, como lembra a leitora Olivete Marques:

Eu tive que me insurgir com minha mãe, tentava sempre o pretexto de que vinha fazer um trabalho, porque aí eles permitiam, 'se vai pesquisar tudo bem, pode, se não chegar depois das 17:00. Agora vir para o prazer de brincar, para o prazer de ler, não. Eu acho que foi uma das minhas primeiras rebeldias como mulher, como pessoa, no sentido de me firmar, foram essas aqui em Salvador, era o brigar por dizer: eu quero ir e vir e ficar lendo aqui até as quatro e meia, porque, impreterivelmente, às 17:00 eu tinha que estar em casa, até para ganhar o prêmio de vir com menos conflito ou até sem (Freitas, 2001, pp.160).

4 O QUE AS FOTOS RETRATAM DA BIML

O acervo fotográfico forma um conjunto que pode ser lido como uma narrativa, tal a organicidade com que as fotos foram realizadas, selecionadas e arquivadas, permitindo analisar, interpretar e reinterpretar os diversos tempos e espaços em que foram registradas. Para o desenvolvimento deste estudo, optou-se por analisar as fotos concomitantemente ao trabalho nos arquivos de documentos escritos, estabelecendo categorias de análise a partir do referencial bibliográfico, juntando depoimentos e fotos. Assim, a fotografia constituiu-se como um importante elemento documental, formado por imagens que marcaram a história da instituição para as futuras gerações.

Os estudos históricos com base em fotografias oferecem possibilidades para uma melhor compreensão sobre o fenômeno educativo, pois expressam com precisão a passagem do tempo, o

registro em que se deram as ações, os espaços. Felipe Serpa, nos seus estudos sobre historicidade e objeto pedagógico, salienta a concepção de tempo-espaço constituído pelas relações:

[...] trabalhos no campo da 'História de' usando a fotografia como fonte histórica são fundamentais. Sendo a fotografia um espaço-tempo de relações, ela é o material empírico adequado para os trabalhos de 'História de', desde que todas as relações em estudo estão imersas no espaço-tempo histórico (Serpa, 1991, pp.51).

A pesquisa histórica que se utiliza da fotografia como documento é um caminho de desafio, uma vez que é preciso enxergar além do revelado pela lente de quem fotografou. Esse caminho pode levar a descobertas dos significados das relações entre a imagem registrada e o seu contexto. Na fotografia, há o registro do que foi captado pela pessoa solicitante. O desafio está em buscar situar a fotografia no contexto cultural em que foi produzida, como uma escolha pessoal a partir de uma determinada visão de mundo.

A utilização da fotografia como fonte documental constitui-se na possibilidade de visualizar determinados momentos de que a “[...] mais detalhada descrição verbal não daria conta” (Cardoso & Mauad, 1997, p. 406). O estudo do acervo fotográfico não teve apenas caráter complementar às informações. A fotografia, considerada como fonte documental, representa possibilidades de novas descobertas, essenciais na sistematização das informações e na “decifração”, como salienta Boris Kossoy:

[...] são as imagens documentos insubstituíveis cujo potencial deve ser explorado. Seus conteúdos, entretanto, jamais deverão ser entendidos como meras 'ilustrações ao texto'. As fontes fotográficas são uma possibilidade de investigação e descoberta que prometem frutos na medida em que se sistematizarem suas informações, estabelecerem metodologias adequadas de pesquisa e análise para a

decifração de seus conteúdos e, por consequência, da realidade que os originou (Kossoy, 1987, p. 20).

Visando homenagear as pessoas que compareceram à varanda de dona Benta para as *Sessões Especiais de Hora do Conto*, assim como auxiliar no exercício da memória, foram montados painéis temáticos por sessão. Nesses painéis estavam expostos os principais acontecimentos de cada período, apresentando cópias de recortes de jornais e fotografias, oferecendo novas imagens e representações que complementavam ou iam de encontro às conceituações generalizadas e cristalizadas sobre as situações e os fatos que marcaram a criação da instituição.

Figura 14: Painéis utilizados nas Sessões Especiais de Hora do Conto



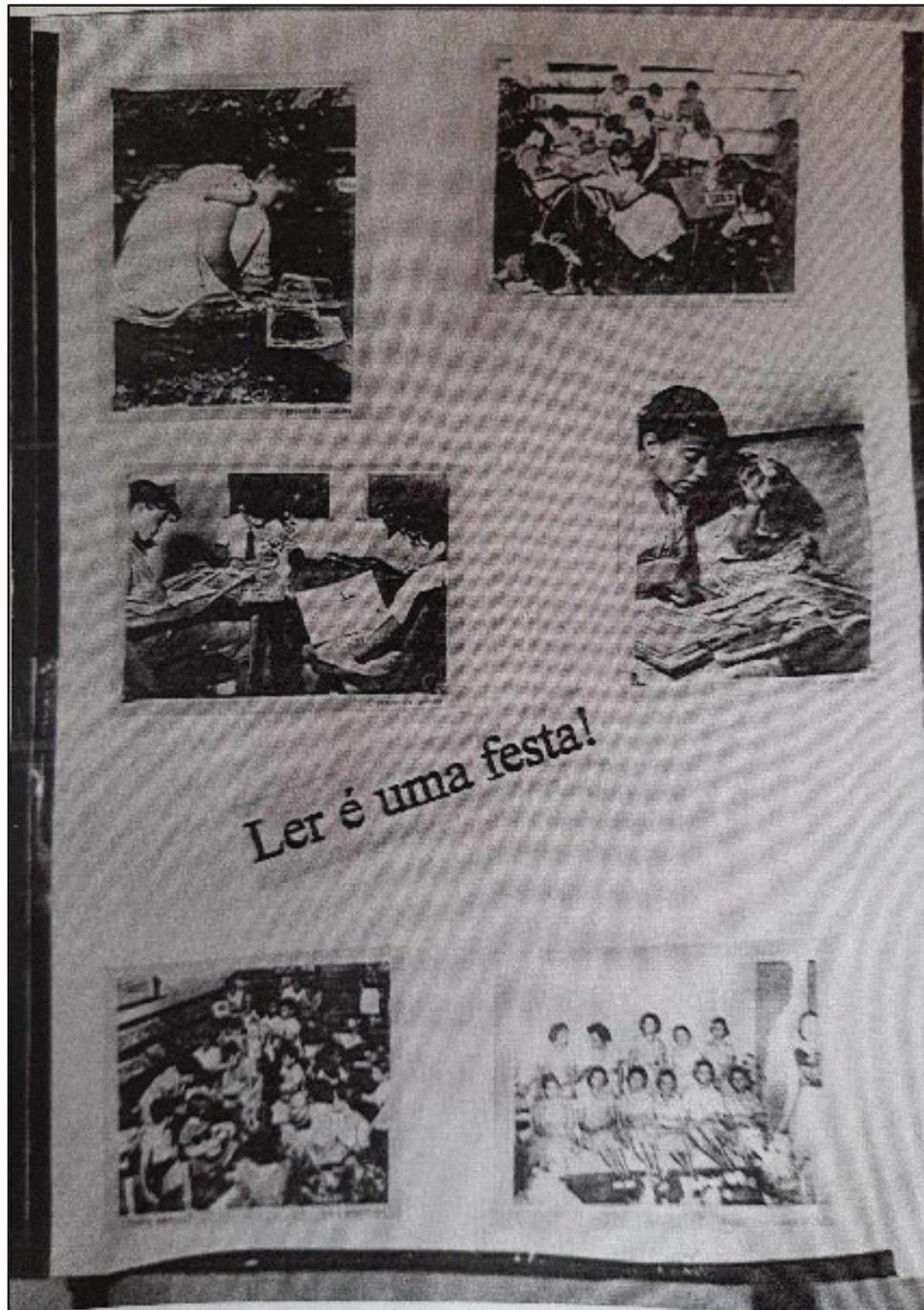
Fonte: Freitas (2001).

Figura 15: Painéis utilizados nas Sessões Especiais de Hora do Conto



Fonte: Freitas (2001).

Figura 16: Painéis utilizados nas Sessões Especiais de Hora do Conto



Fonte: Freitas (2001).

Com esse exercício de memória pôde-se decifrar situações, identificar pessoas e lugares, complementando importantes informações registradas na memória daqueles que vivenciaram sua infância na BIML. Essas recordações formam parte da memória social da Cidade do Salvador, lembranças dos tempos e locais nos quais as crianças e jovens puderam desfrutar de um espaço efetivo de participação, num momento em que as demais instâncias da sociedade não tinham essa preocupação.

Figura 17: Público apreciando os painéis ilustrativos nas Sessões Especiais de Hora do Conto



Fonte: Freitas (2001).

Figura 18: Público apreciando os painéis ilustrativos nas Sessões Especiais de Hora do Conto



Fonte: Freitas (2001).

REFERÊNCIAS

- Almeida, J. S. (1998). *Mulher e educação: a paixão pelo possível*. UNESP.
- Aragão, E. M., & Freitas, J. M. (2008). *Denise Tavares: traços biográficos*. EDUFBA.
- Bosi, E. (1987). *Memória e sociedade: lembrança de velhos* (2a ed.). T. A. Queiroz.
- Cardoso, C. F., & Mauad, A. M. (1997). História e imagem: exemplos da fotografia e do cinema. In C. F. Cardoso & R. Vainfas (Orgs.), *Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia*. Campus.

- Cardoso, R. C. L. (Org.). (1986). *A aventura antropológica; teoria e pesquisa* (2a ed.). Paz e Terra.
- Cavalheiro, E. (1956). *Monteiro Lobato vida e obra* (2a ed., Tomo 1-2). Nacional.
- Decca, E. S. (1998). Narrativa e história. In D. Saviani, J. C. Lombardi & J. L. Sanfelice (Orgs.), *História e história da educação: o debate teórico-metodológico atual*. Autores Associados.
- Duby, G. (1993). *A história continua* (C. Marques, Trad.). Jorge Zahar.
- Freitas, J. M. (2001). *A história da biblioteca Infantil Monteiro Lobato: entrelaçamento de personagens e Instituição* [Tese doutorado, Universidade Federal da Bahia]. Biblioteca Digital. <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/33163>.
- Kossoy, B. (1987). *Fotografia e história*. Ática.
- Nunes, C. (2005). Interrogando a avaliação de trabalhos de História da Educação: o inventário de uma prática. In J. G. Gondra (Org.), *Pesquisa em História da Educação no Brasil* (pp.63-83). DP&A.
- Serpa, L. F. P. (1991). *Ciência e historicidade*. Editora do autor.
- Tavares, D. (1943). *Escola no interior; porque as professoras preferem a capital; o novo secretário de educação: esperança das mestras de amanhã*. Documento Arquivo BIML.
- Tavares, D. (1949a). *Relatório da visita e estágio na Biblioteca Infantil de São Paulo*. Documento Arquivo BIML.
- Tavares, D. (1949b). *Uma conversa sobre biblioteca*. Documento Arquivo BIML.
- Tavares, D. (1954). *Crianças esquecidas*. Documento Arquivo BIML.
- Tavares, D. (1957). *Trabalho apresentado à Escola de Biblioteconomia, para o prof. de Relações Públicas e Humanas*. Documento Arquivo BIML.

Tavares, D. (1973). *Vinte anos da BIML*. Documento Arquivo BIML.

Teixeira, A. (1967). *Educação é um direito*. Nacional.